

## **REFLEXÃO SOBRE APRENDIZAGEM E AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA**

Sarah Stace Souza Silva<sup>1</sup>

Andreia Alves Rodrigues Costa

Fernanda Franco Tiraboschi<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos uma investigação com foco nas crenças de uma professora de inglês em relação ao que é ensinar e aprender uma segunda língua. Buscamos uma abordagem teórica que se apresenta como relevante para refletir a respeito de questões ligadas aos contextos de aquisição e/ou aprendizagem de línguas, desse modo, nos baseamos nos estudos voltados ao processo de aquisição e de ensino e aprendizagem de uma segunda língua (FIGUEIREDO, 1995; KRASHEN, 1985; PAIVA, 2014), bem como nos estudos com foco nas crenças sobre aprendizagem de línguas (BARCELOS, 2004, 2007; BORGES, 2019). Esta pesquisa se configura como um estudo de caso. Para a geração dos dados, fizemos uma entrevista com uma professora de Língua Inglesa que atua há 12 anos em uma escola da rede privada localizada no município de Goiânia. Os dados apontaram crenças voltadas para a importância de promover situações, nas quais, o aprendiz tenha oportunidade de praticar a língua por meio da leitura e compreensão auditiva, bem como da produção oral e escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição. Aprendizagem. Segunda língua. *Input e output*.

### **1 INTRODUÇÃO**

O nosso objetivo, com este estudo, é investigar as crenças construídas por professores de Língua Inglesa no tocante a ensinar e aprender uma segunda língua, doravante L2. Para tanto, nos apoiamos na teoria do *Input* apresentada pelo linguista Stephen Krashen, bem como na teoria do *Output* proposta pela linguística Mary Swain, a respeito da aprendizagem de uma L2. Nesse sentido, para discorrer sobre esse assunto, vamos fazer uma abordagem na qual apontaremos sobre a importância das teorias de Krashen (1981, 1982 *apud* FIGUEIREDO) e de Swain (1995 *apud* MOREIRA, 2008) para aquisição e aprendizagem de uma segunda língua. Além disso, pretendemos observar a influência das crenças e mitos na aprendizagem de L2. Esses são pontos comumente colocados em questão quando começamos a estudar as teorias apresentadas por Krashen (1981 *apud* FIGUEIREDO, 1995), e no decorrer dos estudos, percebemos a influência do linguista norte-americano em pesquisas referentes à aquisição e

---

<sup>1</sup> E-mail: sarahbrasilstace@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN e orientadora do trabalho.

aprendizagem de L2. As suas principais obras foram publicadas há cerca de vinte anos e ainda são amplamente debatidas atualmente, tanto por adeptos às suas ideias como por seus críticos que ainda acabam tomando os seus pressupostos como base.

A teoria do *Input* (FIGUEIREDO, 1995) está embasada no fato que para o indivíduo aprender uma segunda língua, é preciso, primeiramente, que fique exposto a *inputs* compreensíveis, ou seja, é necessário o acesso do aprendiz a novas informações linguísticas que são levemente mais avançadas que o estágio de competência linguística atual do aprendiz. Com a internalização desses elementos linguísticos, (*intake*) o indivíduo percebe e compreende as estruturas e torna disponível o uso nas devidas condições, de maneira a ter a possibilidade de produzir tanto na forma oral quanto na escrita (*output*).

Os conceitos acerca de crenças e mitos sobre a aprendizagem de segunda língua vêm sendo objeto de estudos e discussões em diversos estudos (BARCELOS, 2004, 2007; BORGES, 2019). Quando nos referimos à “crença”, nos vem à mente as credences e o quanto elas fazem parte de nossas vidas e afetam as nossas percepções das coisas. No entanto, dentro do escopo da Linguística Aplicada, quando empregamos o termo “crença”, assim como apontado por Barcelos (2004), nos referimos a uma concepção mais generalizante que está subjacente às ações dos indivíduos envolvidos nos processos de aprendizagem ou aquisição de uma segunda língua. Nesse sentido, podemos destacar algumas crenças que são comuns à população em geral e que estão enraizadas no imaginário dos autores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, tais como: “alunos de escola pública não aprendem inglês” ou “crianças aprendem uma segunda língua mais rapidamente e facilmente que um adulto”.

Barcelos (2004) já utilizava o termo crenças ao se referir a ideias, opiniões e pressupostos que alunos e professores têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas. Portanto, essas preconcepções que subjazem tanto ao ensino como à aprendizagem de línguas podem interferir tanto positiva quanto negativamente nas atitudes de alunos e de professores.

As crenças foram vistas, em um primeiro momento, como um “produto do raciocínio humano” tendo o aluno de um lado e a crença de outro. Em um segundo momento, Wenden (1986, 1987 *apud* BARCELOS, 2004) define crença como algo estável, declarável, abstrato, falível e situado dentro da mente dos aprendizes e, no terceiro momento, ela começa a ser investigada dentro de um contexto dinâmico “constituído socialmente e sustentado interativamente” (GOODWING; DURANTI 1922, BARCELOS, 2004). Desse modo, as investigações em torno das crenças se justificam pelo fato de que tais crenças podem

influenciar as tomadas de decisões e determinas as ações tanto de professores quanto de aprendizes de línguas (BARCELOS, 2004, 2007; BORGES, 2019).

## 2 METODOLOGIA

Este estudo está inserido no âmbito das pesquisas qualitativas. Dentre os métodos inseridos no âmbito das pesquisas qualitativas, escolhemos o estudo de caso, visto que tal método se mostra eficaz para as investigações em contextos educacionais por considerar a complexidade dos autores envolvidos no processo de ensinar e aprender (NUNAN, 1992; PÉREZ SERRANO, 1998). O caso, em estudo, consiste nas crenças de uma professora de inglês no que se refere a ensinar e aprender uma L2. Desse modo, fizemos uma entrevista, no primeiro semestre de 2020, com uma professora de língua inglesa, a qual a denominaremos como Teacher Rê para resguardar sua verdadeira identidade. Ela é formada em Letras com dupla habilitação em Português e Inglês. Rê é professora na rede privada há 12 anos em uma escola localizada no município de Goiânia. Foram elaboradas 6 perguntas que procuram desvelar a respeito da sua percepção sobre a aquisição e aprendizagem de L2 por parte dos alunos.

Foram elencadas as seguintes perguntas:

1. Na sua opinião, a aquisição de segunda língua é igual a aquisição de língua materna? Por quê?
2. O processo de aquisição de língua é diferente do processo de aprendizagem de língua? Por quê?
3. Como ocorre o processo de aprender uma segunda língua?
4. Considere um aluno médio/bom de sua sala de aula. O que ele faz para aprender a língua estrangeira?
5. De que maneira o aluno deve estudar para aprender?
6. O que o aluno deve fazer para:
  - Falar/expressar-se melhor em inglês?
  - Ouvir/entender melhor em inglês?
  - Ler/compreender melhor textos em inglês?
  - Escrever melhor em inglês?
  - Melhorar o nível de vocabulário em inglês?

Na seção seguinte, discutimos sobre as respostas dadas pela Professora Rê para cada uma dessas perguntas, de maneira a estabelecer um diálogo entre as percepções da participante com os conceitos discutidos em nosso aporte teórico.

### **3 DISCUSSÕES, RESULTADOS E/OU ANÁLISE DE DADOS**

Nessa seção, discutimos sobre as percepções da professora participante a partir de suas respostas à entrevista que realizamos. Para tanto, optamos por apresentar a resposta da participante e, em seguida, tecemos nossas considerações e reflexões sobre os pontos que se relacionam com os subsídios teóricos abordados neste estudo.

1 - A aquisição de uma segunda língua é bem diferente da sua língua materna. Para a língua materna a criança aprende o idioma assimilando objetos e palavras. A criança fala e pensa no mesmo idioma automaticamente. Para a aquisição da segunda língua, temos a necessidade (principalmente quando estamos aprendendo) de pensar em nosso idioma e fazer a tradução mentalmente antes de falarmos.

Ao fazermos a análise desta resposta, podemos observar que a participante apresenta a crença que para o aprendizado de uma L2 é importante usar a L1 como suporte, facilitando assim a aquisição da segunda língua. Sua visão é similar às Teorias Comportamentais que argumentam que associação, repetição e imitação são fatores que viabilizam aquisição da língua.

2 - Acredito que o processo da aquisição e aprendizagem de uma língua estão interligados. À medida que a pessoa aprende e se apropria do aprendizado o processo da aquisição da fala acontece naturalmente.

A entrevistada não vê uma distinção clara entre um contexto formal e informal, o que implica em não haver diferença entre adquirir ou aprender uma língua. Para ela, os dois são processos naturais e interligados.

3 - Para aprender uma segunda língua a pessoa precisa, primeiramente, gostar do idioma, se apropriar de ferramentas necessárias para seu aprendizado (livros, aulas, vídeos, etc.) e não se sentir envergonhada ao cometer erros durante o aprendizado.

A sua crença está em relação ao filtro afetivo apresentado por Krashen, pois ela afirma que se o indivíduo gosta da língua, ele terá uma facilidade maior para aprendê-la (FIGUEIREDO, 1995). Ao indicar que quando o indivíduo não sente vergonha é mais fácil para ele aprender uma língua alvo, possivelmente, ela se refere os desvios comuns aos

aprendizes de uma língua estrangeira, sendo que o fato de o aluno não ter vergonha e tentar usar a outra língua, isso faz que ele tenha maiores possibilidades de sobressair, isso que está ligado à questão do filtro afetivo expressa por Krashen.

4 - Esse aluno provavelmente:

- Está sempre atento as explicações durante as aulas;
- Pratica em casa e sempre apresenta uma novidade para a professora;
- Assiste vídeos, filmes e escuta músicas no idioma a ser aprendido;
- Está constantemente lendo livros, revistas e textos no idioma.

A professora Rê expressa a crença de que o aluno precisa dedicar-se além da sala de aula para se sobressair no processo de aprendizado da língua estrangeira, ela menciona o uso de músicas, filmes e vídeos como matérias de apoio ou paradidáticos relevantes no desenvolvimento linguístico do aluno na língua alvo. Segundo ela, o mesmo se dá com a leitura livros e revistas escritos na língua estrangeira. Podendo esses materiais de leitura serem considerados como novos *inputs* que favorecerão o repertório linguístico do aprendiz. Tal fato está relacionado com a hipótese do *Input* proposta por Krashen (1985), visto que o autor defende que o desenvolvimento da competência linguística é favorecido pelo *input* linguístico, isto é, pela exposição do aprendiz a situações de uso da língua da língua alvo, nas quais, ele terá a chance de internalizar elementos linguísticos (FIGUEIREDO, 1995; PAIVA, 2014).

5 - Para o aprendizado de uma língua estrangeira o aluno deve estudar sempre com o auxílio do vocabulário, tirar todas as dúvidas na sala de aula e estar sempre disposto a melhorar e nunca se envergonhar quando cometer algum erro (principalmente quanto à pronúncia).

Mais uma vez, ela traz à tona a questão do filtro afetivo, pois o aluno não pode se envergonhar de cometer erros, ressaltando que se o aluno tiver embaraços com os desvios ou erros cometidos, não irá se desenvolver tão bem quanto aquele que não vê esses passos como empecilhos.

6 - Falar/expressar-se melhor em inglês?

- Iniciar com pequenos textos. Gravar enquanto estiver falando para, então ouvir a sua fala e corrigi-la sempre que houver necessidade.
- Não desperdiçar as oportunidades de falar em Inglês. Criar grupos de conversas com outros alunos para que possam praticar.
- Ouvir/entender melhor em inglês?

Assistir filmes, documentários, vídeos (com legenda em Inglês) para assimilar a fala com a escrita. Ouvir música com a letra também é muito importante.

- Ler/compreender melhor textos em inglês?

Iniciar lendo textos com o vocabulário simples e aumentar gradativamente a qualidade dos mesmos. E, principalmente, tornar a leitura um hábito diário. Usar um bom dicionário como apoio também é muito importante.

- Escrever melhor em inglês?

Leitura e escrita estão interligadas. Se o aluno for um bom leitor será um bom escritor. É muito importante o contato com vários tipos de leitura. Fazer resumos de que se lê é uma ótima estratégia para aprimorar a escrita.

- Melhorar o nível de vocabulário em inglês?

- Leitura e escrita são as ferramentas mais importantes para um bom vocabulário (até mesmo na sua língua materna). Faça da leitura sua rotina diária.

- Assistir documentários e filmes biográficos também são de grande valia para o aprimoramento da língua estrangeira.

Ao analisarmos os dados presentes nesta resposta, podemos concluir que para que o indivíduo desenvolva a sua fala, leitura, escrita, audição/entendimento e vocabulário, ele deve ter uma rotina de *input*, *intake* e *output*. Sendo assim, de acordo com as crenças ou percepções da entrevistada, deverá estar praticando sempre que possível sua segunda língua através de filmes legendados, músicas, ler textos e outros na língua alvo e praticar a fala. Tais percepções estão em consonância com as propostas de Krashen (1985) no que se refere a importância de receber *input*, bem como de Swain (1995) no tocante a relevância da produção linguística para o desenvolvimento da competência linguística e comunicativa na língua alvo (FIGUEIREDO, 1995; MOREIRA, 2008; PAIVA, 2014; BORGES, 2019).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio dos pressupostos teóricos, assim como por meio dos dados desta pesquisa, percebemos que as crenças podem ter uma grande influência sobre os processos de aquisição e aprendizagem da segunda língua. Além disso, Lave e Wenger (1991, apud BARCELOS, 2004) nos mostram que outro elemento importante na aprendizagem é a identidade do aprendiz, haja vista que aprendizagem e identidade são inseparáveis. Portanto, esses pressupostos teóricos são importantes para compreender melhor os processos tanto de

aquisição como de aprendizagem de línguas. Assim, não devemos desconsiderar estudos e pesquisas a respeito dos fatores que podem influenciar, tanto positiva como negativamente esses processos. Vale ressaltar ainda que esses estudos ajudam a compreender questões como as crenças de não haver diferenças qualitativas entre a aquisição e a aprendizagem de línguas, bem como o fato de haver uma idade crítica ou limite para o bom aprendizado de línguas (crianças x adultos), em especial, no que diz respeito à pronúncia.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Darllen da Silva. Crenças de aprendizagem de LE e seus reflexos na formação inicial de alunos-professores. **Letras**, v. 6, n. 2, p. 89-102, 2016. Disponível em: DOI: 10.18468/letras.2016v6n2.p89-1021.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2007.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- BORGES, Tatiana. Diello. Crenças de uma formadora de professores de língua inglesa sobre o papel do bom formador. **Rev Let – Revista Virtual de Letras**, v. 11, n. 1, 2019.
- FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Aquisição e aprendizagem de segunda língua, **Signótica**, v. 7, p. 39-57, 1995.
- KRASHEN, Stephen D. *The input hypothesis: issues and implications*. London/New York: Longman, 1985.
- NUNAN, David. *Research methods in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- PAIVA, Vera Lucia Menezes Oliveira. **Aquisição de Segunda Língua**, São Paulo: Parábola, 2014.
- PÉREZ SERRANO, Gloria. *El técnicas de investigación en educación social: perspectiva etnográfica*. In: PÉREZ SERRANO, Gloria. *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: II. Técnicas y Análisis de Datos*. Madrid: La Muralla, 1998. p. 13-70.
- SWAIN, Mary. *Three functions of output in second language learning*. In: COOK, G.; SEIDLHOFER, B. (Eds.). *Principle & practice in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 125-144.